

personagem

CONSULTORA EM GESTÃO PÚBLICA CRISTINA TORRES, 60 ANOS, ENFRENTOU DOIS CÂNCERES DE MAMA COM DETERMINAÇÃO DE MARATONISTA

Corra, Cristina, corra

Cristina Torres já havia passado por um câncer de mama quando, em 2002, começou a participar de maratonas pelo Brasil e mundo afora, incluindo uma das mais famosas, a de Berlim, na Alemanha. Mas a consultora em gestão pública, nascida em Belo Horizonte há 60 anos, mal poderia imaginar que as corridas dariam a força necessária para ela superar a volta da doença na outra mama, em 2004. “Tinha 46 anos quando comecei a correr maratonas, e minha participação não teve ligação com a doença. Mas quando tive o segundo câncer, já corria, e isso foi uma grande força para mim. Me agarrei mesmo. Faria minha primeira meia maratona naquele ano e tive que adiar. Tentei, mas não consegui. A gente fica muito frágil fisicamente”, lembra Cristina.

Durante o tratamento, ela foi obrigada a parar de correr. Foram sete longos e saudosos meses fora das pistas. Mas bastou ficar um pouco mais forte para retomar a prática. Quatro meses após o fim de todas as terapias, Cristina participou de uma prova de 10 quilômetros. Depois, passou para 21, até chegar, em 2011, aos 42,195 quilômetros (percurso de uma maratona), em Berlim. “Nunca me imaginei correndo uma maratona, ainda mais com 55 anos, na época. Participo de um grupo de corrida, e a gente se ajuda e se diverte bastante nas competições. Há muitas forças emocionais e físicas na corrida. É uma mágica”, sentencia ela, que estava em trânsito para Petrolina (PE) para participar de uma corrida de 16 quilômetros, dentro de uma vinícola, quando deu a entrevista para a REDE CÂNCER.

Cristina acumula mais de 80 medalhas, conquistadas em provas de 5, 10, 15, 18, 21 e 42 quilômetros. O próximo feito será participar da São Silvestre, a mais tradicional corrida de rua do Brasil, que acontece em 31 de dezembro, em São Paulo. “Será minha primeira vez. A Meia Maratona do Rio já fiz cinco vezes; a Volta da Pampulha, em Belo Horizonte, sete. Já corri também em Nova York, Paris, Budapeste, Praga...”, enumera Cristina, que conjuga as férias do trabalho com as provas internacionais. “Escolho os destinos de acordo com a época das corridas.”

Além do esporte, Cristina se apegou ao bom humor para enfrentar a doença. Foi assim que lidou com um dos aspectos mais afetados pelo câncer: a vaidade. “É um murro na cara se olhar no espelho sem cabelo. Por isso, o bom humor é fundamental para ter mais esperança. Ainda bem que tenho uma família alegre e um namorado alto-astral”, diz a consultora, lembrando uma história engraçada com seu par, Ruben Myrha. “Eu pendurava a peruca no banheiro antes de dormir. Para não deixá-la jogada, pois iria amassar, colocava no suporte da toalha de rosto. Um dia, estava escuro, ele se enxugou na peruca e achou que era uma lontra. Tomou um susto, mas levou na brincadeira, na gozação”, conta a mineira, mãe de Eduardo, 28 anos, e Patrícia, 25, de seu primeiro casamento.

Outro episódio tragicômico aconteceu quando ela foi assaltada, em Belo Horizonte, durante o tratamento do segundo câncer, 12 anos atrás. “O bandido queria a minha bolsa, mas tinha um remédio muito importante nela. Daí tirei a peruca para o



assaltante e falei que estava doente. Ele olhou para mim e saiu correndo!”, conta, rindo, a maratonista, que deixou os filhos, então adolescentes, fazerem uma tatuagem de brincadeira na cabeça raspada. “Encarei como um desafio que eu tinha de passar e superar. Brincava muito com o meu namorado sobre a queda de cabelo, falando coisas do tipo ‘ou caía meu cabelo ou o Galo [o Atlético Mineiro, time pelo qual ela torce] para a segunda divisão do Brasileiro’. Me divertia com isso. Ajuda muito falar sobre o assunto, e não tratá-lo como uma coisa escondida. É preciso encarar o medo. E tive muito apoio dos amigos e da família”, comemora Cristina, que há um ano mora em Natal (RN).

A religião também contribuiu com a recuperação. Nascida no catolicismo, hoje ela se diz “mais espiritualista”. O que importa, ressalta, é a fé. “A religião nos dá um norte. Procuro essa força dentro de mim para poder encarar as dificuldades. A minha força está nas minhas mãos e nas mãos de Deus também”, analisa. O trabalho foi mais um incentivo. “Fui servidora pública por 35 anos. Não fiquei muito

“Nunca me imaginei correndo uma maratona, ainda mais com 55 anos, na época [2011]. Participo de um grupo de corrida, e a gente se ajuda e se diverte bastante nas competições. Há muitas forças emocionais e físicas na corrida. É uma magia”

tempo afastada. Me sentia útil e viva. Agora sou aposentada do estado, mas continuo trabalhando.”

Hoje, Cristina redobra os cuidados. Faz exames de seis em seis meses, por orientação médica, pratica esportes, cuida da alimentação e não esquece os lados espiritual e emocional. “São fatores que fazem aparecer as doenças”, acredita. “Estou livre do câncer, mas me cuido muito, já que existe a possibilidade de ter um novo tumor. Enfrentei a doença duas vezes e venci.”

PRIMEIRO CÂNCER ANTES DOS 40

Cristina tinha 38 anos quando foi diagnosticada com câncer de mama. O primeiro sintoma foi um nódulo que ela mesma sentiu, mas que não



apareceu na mamografia. “O médico concluiu que era uma aderência, já que eu tinha tido um caroço aos 18 anos”, explica. A morte de uma amiga por câncer, logo em seguida, ligou o sinal de alerta. “Resolvi procurar um mastologista. Fiz outro exame e apontou que era câncer. Foi um horror. Tinha dois filhos pequenos e perdido uma amiga havia um mês. E isso há mais de 20 anos. Não conhecia ninguém que tivesse sobrevivido à doença, que tem um estigma muito forte.”

Na hora, Cristina pensou no pior. “Achei que a doença estava ligada a uma sentença de morte. E não queria morrer! Foi muito difícil, mas meu pai e meu irmão são médicos e me ajudaram muito. Tomaram a frente do processo e falaram que eu teria de operar e tirar a mama. Um mundo de

informações e de providências. Entreguei a eles e na mão de Deus. Tem a opção de desistir. Mas preferi lutar.”

O tratamento foi muito difícil, recorda Cristina. Além das sessões de quimioterapia, ela precisou se submeter à mastectomia total. Outro duro golpe na vaidade e na autoestima. “A retirada da mama é uma violência no seu corpo. Eu passava o dia me olhando no espelho. Mas a gente vai lidando. Passa mal durante três dias, depois vai melhorando”, lembra a consultora, que teve a mama reconstruída com músculo da barriga. No segundo câncer, surgido 10 anos depois do primeiro, Cristina fez químico e radioterapia. Não houve necessidade de reconstrução mamária, porque a cirurgia removeu somente um quadrante do seio.

Para quem está em tratamento hoje, enfrentando essas mesmas dificuldades, a consultora indica: “Tenha fé e tente buscar a tranquilidade interna, sempre com o maior bom humor que conseguir. Sei que não é fácil, mas é possível. Quando eu adoeci, achava que não havia muitas pessoas na minha condição. Hoje sei que há muitas, já que se tem mais informação. Não deixe de se tratar, de se cuidar e de se fortalecer espiritualmente para enfrentar o desafio. Quando a gente está mais forte, passa essa força para quem está sofrendo do nosso lado também. É muito importante.” ■

“Estou livre do câncer, mas me cuido muito, já que existe a possibilidade de ter um novo tumor. Enfrentei a doença duas vezes e venci”

